
SERIA THOMAS KUHN UM FILÓSOFO HERMENEUTA?

WOULD THOMAS KUHN BE A HERMENEUTIC PHILOSOPHER?

Gustavo Silvano Batista¹

Resumo:

O presente artigo pretende discutir a utilização que Thomas Kuhn faz do termo hermenêutica no cenário filosófico anglo-americano e suas repercussões. A resposta à questão segundo a qual o filósofo do MIT poderia ser hermeneuta se dá em termos de uma discussão sobre dois aspectos: 1. o caráter hermenêutico-histórico que marcou a filosofia e a história da ciência e 2. a influência de tal momento para as ciências humanas em relação aos modelos científicos das ciências técnicas e da natureza, nos termos da prática científica e sua relação com a práxis da vida.

Palavras-chave: hermenêutica; ciência; práxis; Gadamer; história; paradigma.

Abstract:

This article intends to discuss Thomas Kuhn's use of the term hermeneutics in the Anglo-American philosophical scenario and its repercussions. The answer to the question if the MIT philosopher could be a hermeneutic is given in terms of a discussion about two aspects: 1. the hermeneutic-historical trace on the philosophy and history of science and 2. the influence of such moment in the human sciences in relation to the scientific models of the technical and natural sciences, in terms of scientific practice and its relationship with the praxis of life.

Keywords: hermeneutics; science; praxis; Gadamer; history; paradigm.

¹ Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Professor Associado do Departamento de Filosofia da UFPI. Professor permanente nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Filosofia da UFPI e do PROF-FILO – Núcleo da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Tutor do PET Filosofia da UFPI. E-mail: gustavosilvano@ufpi.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8899510748810172>

Introdução

A pergunta que intitula o presente texto não foi pensada apenas como uma provocação filosófica, a partir de um olhar hermenêutico sobre o pensamento de Thomas Kuhn. Trata-se de um motivo para uma reflexão acerca de um traço indicado pelo próprio filósofo no prefácio de sua obra *A tensão essencial*, quando recorre à palavra *hermenêutica* como um termo compatível com sua filosofia da ciência; o que, para muitos filósofos da história da ciência, poderia soar, no mínimo, estranho. Ao mesmo tempo, tal ocorrência também nos abre a possibilidade de pensarmos, em termos hermenêuticos, os desdobramentos atuais da filosofia da ciência, considerando a abertura interpretativa proporcionada por Kuhn. Conforme o testemunho de Richard J. Bernstein,

o termo “hermenêutica”, com sua antiga acepção, só recentemente começou a entrar no vocabulário filosófico dos pensadores anglo-americanos. Sua novidade é indicada em uma passagem [...] de *A tensão essencial* de Thomas Kuhn (1977), na qual confessa que o termo ‘hermenêutico’ [...] não fazia parte do seu vocabulário até cinco anos antes (Bernstein, 1985, p. 109).

A aproximação inicial entre filosofia e história da ciência e hermenêutica, promovida por Kuhn, traz-nos um desdobramento fundamental não só para o campo científico, mas também para a própria investigação hermenêutica acerca da ciência, possibilitando a consideração de aspectos históricos e ontológicos concernentes ao modo como a ciência acontece hoje, ultrapassando o debate histórico acerca das divisões entre disciplinas e áreas do conhecimento, partindo da natureza de seus objetos, ou seja, para além de suas demarcações. Ao mesmo tempo, tal contato não limita a reflexão acerca de aspectos epistemológicos próprios à atividade científica, tomada como um assunto estritamente vinculado ao expediente da filosofia e história da ciência e, por conseguinte, à epistemologia em geral.

Desta forma, o momento de aproximação entre hermenêutica e filosofia e história da ciência, realizado por Kuhn, proporcionou encaminhamentos diversos, para além do campo estritamente epistemológico. Kuhn antecipa aquilo que Richard Rorty, também influenciado por ele, realizará em sua obra, *A Filosofia e o Espelho da Natureza*, ao reconhecer, em linhas gerais, o caráter edificante da hermenêutica filosófica, referindo-se notadamente aos pensamentos de Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer, como influências fundamentais para seu itinerário filosófico, especialmente no enfrentamento de questões epistemológicas básicas. Por isso, não se tratou, por parte de Rorty, apenas a inclusão do termo, mas também um modo de assumir questões afins às duas orientações filosóficas, a saber, hermenêutica e pragmatismo, por exemplo.

Assim sendo, nosso empenho aqui não é responder de modo prosaico, com um sim ou não, a pergunta posta no título, mas considerar o caráter afim, tal como apontado primeiramente por Thomas Kuhn, acerca das contribuições tardias da hermenêutica para sua filosofia e história da ciência; o que significa pensar, ao mesmo tempo, como a filosofia de Kuhn acaba assumindo, em termos hermenêuticos, uma preocupação com um âmbito mais amplo da produção de conhecimento para além da ciência, no qual o próprio fazer científico está inserido de modo privilegiado, entre outras formas de saber. Indo além dos próprios encaminhamentos realizados pelo autor.

O traço hermenêutico é-nos visível, em termos práticos, no modo como o pensamento de Kuhn encontrou recepção e debate tanto nos laboratórios quanto em outras esferas de produção de conhecimento, indo além das questões próprias das ciências da natureza. Ao trazer como problema o papel da comunidade científica e o caráter socio-prático presente nos laboratórios e pesquisas, Kuhn abre-nos a possibilidade de lidar com um contexto teórico mais amplo, no qual também estão em jogo as atuais transformações histórico-científicas. É o caso das áreas de letras e artes, assim como as ciências humanas em geral, que lidam com o mundo prático da experiência de vida como uma esfera de sentido mais amplo, que abarca a prática científica enquanto um modo de produção de conhecimento que transforma a vida comum.

Aqui me refiro especialmente aos movimentos filosóficos contemporâneos que foram classificados, em linhas gerais, como discussões da modernidade tardia, também chamada por alguns autores de pós-modernidade. Lembro aqui uma passagem escrita por Matei Calinescu, em sua obra *Cinco Faces da Modernidade*, que afirma o seguinte:

As mais abrangentes apresentações das questões do pós-modernismo por vezes incluem referências a problemas e conceitos epistemológicos, tais como a crise do determinismo, o lugar do acaso e da desordem no processo natural; o princípio da indeterminação de Heisenberg, a questão do tempo e particularmente do tempo irreversível (cujo reconhecimento removeu o poderoso modelo clássico do universo como mecanismo de um relógio), a visão das teorias científicas de Karl Popper em termos de falseabilidade em vez de verificabilidade, e os *paradigmas e revoluções científicas* de Thomas Kuhn. Subentende-se que tais ideias podem ser facilmente mal interpretadas e distorcidas por críticos literários e artistas. Mesmo assim, *o novo interesse dos críticos em questões teórico-epistemológicas vem de um verdadeiro sentimento de que ocorreram mudanças importantes nos modos como a ciência se vê a si própria e à legitimidade dos seus métodos de inferência* (Calinescu, 1999, p. 236-237, grifo meu).

O ponto de vista de Calinescu, segundo o qual as mudanças na filosofia da ciência provocada também por Kuhn na contemporaneidade contaminam o próprio modo de produção de conhecimento não só nas ciências, mas também nas artes, aponta para um âmbito de discussão, comum à filosofia de Kuhn e à filosofia hermenêutica. Trata-se do caráter prático do conhecimento em geral, para além do caráter experimental das pesquisas científicas e seus paradigmas. Tal contaminação indica também uma certa recepção do pensamento de Kuhn no âmbito das artes, trazendo a questão científica como um tema recorrente.

O traço prático inserido por Kuhn, ao recorrer à hermenêutica e seu caráter histórico para pensar o modo de operar das ciências, possibilita-nos repensar também como a ciência se relaciona com a práxis em geral, ou seja, como a ciência é realizada no âmbito das comunidades científicas que convivem em torno dos processos de revoluções já discutidos n' *A Estrutura das Revoluções Científicas* (2000).

Em termos hermenêuticos, os encaminhamentos das ciências na contemporaneidade, enquanto desdobramentos da ciência moderna do século XVII, apoia-se em uma concepção de razão representativa, apoiada na relação sujeito e objeto, a partir da qual todo conhecimento se dá enquanto produção. Ainda que as práticas científicas estejam na ordem da objetividade do conhecimento, há um âmbito histórico-prático que não pode ser ignorado. Tal esfera, citada por Jeff

Malpas e Santiago Zabala como a principal herança da hermenêutica filosófica, possibilita-nos pensar o âmbito da prática científica e sua racionalidade em diálogo/confronto com o âmbito da práxis humana da vida, distante do entendimento segundo o qual a razão científica deve prevalecer sobre todos os tipos de conhecimento. Como afirma Malpas e Zabala, “a hermenêutica é prática de uma maneira que não evita a teoria, mas, em vez disso, entende a teoria como sempre orientada para a prática - a teoria é inevitavelmente voltada para sua aplicação, assim como todo compreender” (Malpas & Zabala, 2010, p. xiii). Tal compreensão do processo hermenêutico, enquanto pensamento filosófico que evidencia o elemento prático comum, não é estranha ao modo como Kuhn recupera o caráter hermenêutico na ciência, ou seja, como um elemento que indica o caráter prático dos processos científicos no âmbito social mais amplo.

Malpas e Zabala também fazem referência explícita ao filósofo Richard J. Bernstein como aquele que apontou, na obra *Beyond objectivism and relativism*, um explícito engajamento entre a hermenêutica filosófica e a filosofia da ciência como um movimento iniciado por Kuhn, conforme já tratamos no início do texto, e também na filosofia de Don Ihde. Em termos gerais, segundo Bernstein, Ihde desenvolve uma espécie de ‘realismo instrumental’ como um questionamento evidentemente hermenêutico; e Kuhn, reconhecendo o caráter hermenêutico em seu próprio pensamento, dedica-se ao caráter histórico e prático no processo de estabelecimento dos paradigmas.

Em um pequeno trecho do prefácio da obra *A Tensão Essencial*, de 1977, Kuhn observa sua passagem entre um fazer científico e um fazer histórico da ciência, enquanto uma mudança de prática marcadamente hermenêutica: “Em meu caso, porém, a descoberta da hermenêutica resultou em mais do que fazer a História parecer importante. Seu efeito mais imediato e decisivo incidiu, ao contrário, na visão que tenho da ciência” (Kuhn, 2011, p. 13).

Enquanto n’*A Estrutura*, de 1962, Kuhn descreve e problematiza o *modus operandi* próprio da ciência, a partir de sua configuração estrutural, com especial destaque para a centralidade da noção de paradigma e sua defesa da incomensurabilidade do conhecimento científico, na obra *A tensão essencial*, que aparece em 1977 como uma espécie de momento de colocar o problema da história no âmbito científico, Kuhn compreende o modo como o caminho da ciência e sua história podem também ser afetados pela tensão entre ciência e história. Tal tensão também é comum ao pensamento hermenêutico, à medida que problematiza, a partir da noção de historicidade, o compreender histórico comum também às ciências em geral.

Neste sentido, as relações que se estabelecem entre as práticas que acontecem no interior dos laboratórios e aquelas outras, de suporte à atividade científica, de arranjo sócio-político e econômico, no exterior dos laboratórios, não podem ser ignoradas. Ou seja, entre o trabalho científico especializado, realizado no desenvolvimento das pesquisas, e o seu mundo circundante, em grande medida afetado pelos desdobramentos da pesquisa científica, como é o caso do mundo prático e exigente dos órgãos de fomento científico, reuniões científicas e desafios assumidos pela comunidade científica, existe também um caráter histórico-hermenêutico relevante.

A tensão entre estes dois âmbitos, interno e externo aos laboratórios, que também afeta a produção científica e suas aplicabilidades, parece ser uma questão hermenêutica relevante não somente para a ciência, especialmente em sua

abordagem histórica, mas também na própria concepção de prática, para além do caráter metodológico dos experimentos e práticas, como aplicação de teorias.

O próprio Gadamer nos lembra que o eclodir da ciência, notadamente a partir do séc. XVII, referência importante também para Kuhn, se dá como uma tentativa de repensar o próprio âmbito prático da vida, no sentido de ressignificá-lo em novos termos, com uma nova linguagem, a da ciência. O que significa dizer que as transformações da ciência em sua aplicação prática e, por conseguinte, a vida social que transforma as práticas científicas, encontram na hermenêutica um ponto em comum. Há uma afinidade teórica entre Kuhn e a hermenêutica filosófica, notadamente em Dilthey, Gadamer e Ricoeur, a saber, a consideração da prática científica também em seu viés histórico que, em grande medida, impacta tanto o conhecimento produzido quanto a própria natureza das ciências, enquanto produto humano e da cultura.

Referimo-nos, ainda, a outro momento comum entre hermenêutica filosófica e filosofia da ciência, indicando a recepção do pensamento de Kuhn, no âmbito das ciências humanas, essencialmente hermenêuticas, à medida que também assumem a discussão dos paradigmas e, por conseguinte, da incomensurabilidade como elementos relevantes à natureza das humanidades, notadamente nas ciências históricas.

A repercussão da reflexão de Kuhn nas ciências históricas, à medida que compreende o seu próprio fazer científico de modo distinto das outras ciências, indica um traço segundo o qual cada acontecimento histórico se dá em uma época, com questões próprias daquele momento. A atitude hermenêutica reivindicada por Kuhn parece aludir a tal elemento nas ciências naturais e técnicas, à medida que também as mesmas se dão em determinados momentos da história, ainda que muitas de suas questões não sejam devidamente respondidas nos mesmos momentos que surgiram. Tal elemento pode ser também considerado a partir do retorno que Kuhn faz a Aristóteles, o que também acontece na hermenêutica filosófica do século XX, notadamente em Gadamer e Ricoeur.

Deste modo, ressaltamos a forma como o próprio Gadamer aproxima seus esforços hermenêuticos com o pensamento de Kuhn, indicando que o caráter histórico das práticas científicas também deveria ser considerado relevante. Isto porque, na mesma modernidade científica, a razão humana também se conscientizou de sua condição historicamente marcada. Afirma Gadamer:

Reconhecer uma “consciência historicamente afetada” nas ciências humanas não era meu único objetivo, pois as dimensões fundamentais do que chamei de ‘problema hermenêutico’ são muito mais amplas. Nas ciências naturais também há algo como uma questão hermenêutica. Seus caminhos não são meramente metódicos ou progressivos. Isto já foi demonstrado de forma persuasiva por Thomas Kuhn e já estava implícita na obra “A Idade da imagem de mundo” de Heidegger, assim como em sua interpretação da visão aristotélica da natureza. Ambos deixam claro que o “paradigma reinante” é decisivo tanto para as questões que a pesquisa evidencia como para os dados que examina; e estes aparentemente não são apenas o resultado de uma pesquisa metódica. Galileu já havia afirmado “*mente concipio*” (Gadamer, 1997, p. 28).

Nesta passagem, Gadamer faz referência a Kuhn como um filósofo da ciência consciente do caráter hermenêutico de nosso tempo, e que atinge também o mundo científico. O que podemos afirmar baseado na ideia de que todo paradigma que se impõe é historicamente situado, em um horizonte mais amplo da produção de

conhecimento. Ao mesmo tempo, Gadamer sugere que a própria ideia de método é um traço que foi estabelecido tendo em vista os critérios científicos, em um determinado modelo paradigmático; sendo, portanto, também dependente de uma compreensão histórica mais ampliada, que não poderia ser ignorada.

Deste modo, pensar o caráter hermenêutico como um elemento comum à hermenêutica filosófica e a filosofia de Kuhn não significa encará-lo de modo pouco rigoroso. Mas, ao contrário, significa dizer que o caráter hermenêutico é um traço básico também no modo como a ciência se estrutura no tempo e no espaço no qual se realiza. A própria ideia de objetividade científica não poderia deixar de lado tal aspecto. Nesta perspectiva, ainda afirma Gadamer, na defesa do caráter hermenêutico do pensamento filosófico e histórico-científico de Kuhn, tendo em vista as demandas atuais do pensamento filosófico em relação à ciência, o seguinte:

Não me parece que se encontre em contradição com a lógica da investigação científica, a elaboração realizada por Thomas Kuhn com respeito à importância do paradigma para o progresso da investigação. Sua teoria da 'revolução' na ciência crítica, em razão da falsa estilização do progresso linear que se pretende vincular ao progresso da ciência, mostra a descontinuidade que provoca o respectivo domínio de projetos básicos paradigmáticos. A isto está vinculada toda a problemática da questão da relevância, e esta é uma dimensão hermenêutica. De maneira similar, a via da construção de uma linguagem científica inequívoca, que estaria em condições de refazer a construção lógica do mundo, tinha que tropeçar com dificuldades. [...] Foi, especialmente, a autocritica de Wittgenstein, e sua concepção do jogo de linguagem, que abriu uma forma de acesso totalmente distinta. A originária referência à práxis, de toda a linguagem, apareceu em lugar de uma linguagem científica unívoca e, com isso, se modificou a tarefa lógica da fundamentação do conhecimento, na chamada filosofia analítica da linguagem que se dedicara à análise lógica das diferentes formas de linguagem e jogos de linguagem (Gadamer, 1983, p. 99).

Assim, tal aproximação entre filosofia e história da ciência e hermenêutica filosófica, tal como discutindo aqui, não faz de Thomas Kuhn um hermenêutico *stricto sensu*, nos moldes da tradição dessa área. Mas mostra como esse autor, enquanto filósofo e historiador da ciência, apontou, a partir do mundo científico, uma reflexão sobre os momentos históricos das revoluções científicas nos quais a própria ciência é pensada para além de suas teorias e práticas laboratoriais, inserida em um contexto mais amplo da vida humana. Neste ponto, a própria ideia ingênua de progresso científica é questionada, à medida que, a ciência se modifica o tempo todo, tendo em vistas demandas históricas e práticas que se apresentam enquanto problemas, científicos ou não, a serem compreendidos e, quando possível, resolvidos.

Referências

BERNSTEIN, Richard J. *Beyond objectivism and relativism: science, hermeneutics, and praxis*. Oxford: Basil Blackwell, 1985.

CALINESCU, Matei. *As cinco faces da modernidade*. Lisboa: Vega, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. *A razão na época da ciência*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1983.

GADAMER, Hans-Georg. Reflections on my philosophical journey. In: HAHN, L. E. (ed.) *The Philosophy of Hans-Georg Gadamer*. Chicago: Open Court, 1997, p. 3-63.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

KUHN, Thomas S. *A tensão essencial: estudos selecionados sobre tradição e mudança científica*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

MALPAS, Jeff; ZABALA, Santiago (ed.). *Consequences of Hermeneutics: Fifty Years After Gadamer's Truth and Method*. Evanston: Northwestern University Press, 2010.

RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

Recebido em: 08/2023
Aprovado em: 10/2023